Sarney confessa alívio ao sair

10ª h/h

Uma multidão passa pelos corredores do Senado seguindo o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), que acabara de vencer a disputa pela Presidência do Senado. Enquanto as pessoas se empurram para ficarem mais próximas de Antônio Carlos e participar da festa da vitória do novo presidente do Senado, o senador José Sarney (PMDB-AP) observa serenamente toda a confusão. Apenas uma hora antes, era ele quem ocupava o comando do Senado.

“Estou levitando”, afirma Sarney, sorrindo, enquanto caminha em direção ao seu gabinete. Ele tem razões de sobra para estar satisfeito e aliviado com o término de seu mandato como presidente do Senado. Sarney assumiu o cargo em 1995, quando o Senado estava com a imagem abalada por não conseguir votar os projetos em pauta e pelo escândalo do uso irregular do Centro Gráfico do Senado (Cegraf). Como primeira providência, regulou o uso da Gráfica do Senado.

EMOÇÃO

Sarney estava emocionado. Gostou muito de ter ouvido elogios dos líderes dos partidos. Principalmente, quando o senador José Eduardo Dutra (SE), líder do PT e do bloco da oposição, lhe cumprimentou pela boa atuação à frente do Senado. “Fiquei muito contente com esse elogio em especial”, admitiu.

Na sexta-feira, Sarney viaja para a Europa, onde permanecerá um mês. A partir de agora, espera ter mais tempo para fazer coisas bem diferentes da atividade parlamentar. Vai terminar o segundo volume do livro com as suas memórias e concluir o texto de um novo romance. “Já escrevi 90 páginas de uma história sobre garimpeiros no Amapá”, conta.

Sarney jura que terá um papel mais discreto no Senado e que disputar a sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1998, não faz parte dos seus planos. “Não tenho futuro, só passado. Mas como dizia o escritor T.S. Elliot, “no presente está o passado e o futuro”, citou. “Mas nos meus planos jamais estará a Presidência da República”.

Apesar da ênfase, Sarney acaba abrindo uma brecha para a possibilidade e revelando um desejo nunca realizado. “A Presidência a gente não deseja. Ela vem ou não. A única coisa que desejei e não tive foi uma bicicleta. Era criança e queria uma bicicleta. Meu pai e minha mãe não tinham dinheiro para me dar e não tive a bicicleta. O tempo passou e eu não aprendi a andar de bicicleta. Agora, não adianta mais comprar”, brinca. (MM)